

Uma criatura: o problema do niilismo na poesia de Machado de Assis*

Vitor Cei**

Resumo

O problema do niilismo na poesia de Machado de Assis permanece um tema pouco estudado. O nosso objetivo geral é argumentar que o niilismo é o *leitmotiv* do poema “Uma criatura”, publicado originalmente na *Revista Brasileira* em 1880. A principal reivindicação do presente estudo é que Machado, ainda que recuse o niilismo de que o acusaram tantos, teve uma aguda consciência do caráter complexo e multifacetado da presença do niilismo em seu tempo. A análise intenta colocar a poesia machadiana em constante diálogo com os pensamentos de Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche a respeito do pessimismo e do niilismo.

Palavras-chave

Machado de Assis; Nietzsche; Niilismo; poesia; Schopenhauer.

Abstract

The problem of nihilism on Machado de Assis’ poetry has remained an unstudied subject. The main purpose of this paper is to argue that nihilism is a *leitmotif* of “Uma criatura”, a poem originally published in *Revista Brasileira* in January 1880. The fundamental claim is that Machado de Assis had an acute awareness of the complex and multifaceted nature of the presence of nihilism in his time. The analysis proceeds in order to stimulate the dialogue between the poetry of Machado and the thoughts of Arthur Schopenhauer and Friedrich Nietzsche concerning pessimism and nihilism.

Keywords

Machado de Assis; Nietzsche; Nihilism; poetry; Schopenhauer.

* Artigo de autor convidado.

** Doutor em Estudos Literários pela UFMG. Líder do grupo de pesquisa Ética, Estética e Filosofia da Literatura (UNIR/CNPq) e professor no Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia.

Introdução

As polêmicas que acompanham a obra de Machado de Assis parecem não ter fim. Canonizado como o maior escritor da literatura brasileira, ele continua, no entanto, a inspirar debates. Trata-se hoje de entender seus textos e, a partir deles, pensar a condição humana em geral, ou a literatura em particular, o ser e o nada, a vida e a morte, a estética e a política, a história e a literatura, o romantismo e o realismo, o ceticismo e o niilismo.

Desde que Sílvio Romero publicou, no outono de 1897, o livro *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*, a obra do Bruxo do Cosme Velho vem sendo frequentemente classificada como niilista (ROMERO, 1897, p. 299-300). Apesar de essa caracterização ser pertinente, há que se tomar cuidado com a rotulação de Machado de Assis em uma tendência de pensamento preestabelecida, pois ele é autor de obra vasta, que não se enquadra facilmente em rótulos e bandeiras, sejam de natureza literária, política, filosófica ou religiosa. Como diria Gustavo Bernardo: “Machado de Assis é ‘apenas’ Machadiano” (BERNARDO, 2011, p. 13).

Jean-Michel Massa observa, na fortuna crítica do escritor publicada entre 1908 e 1950, uma tendência a caracterizar a obra machadiana com os epítetos “niilista” e “pessimista”. No entanto, raramente examinavam-se as premissas que orientavam essa adjetivação, o que demonstra o baixo rigor conceitual a que o tema estava submetido:

Em seguida, descobriu-se o pessimismo do escritor, seu ceticismo, seu niilismo. Os ataques surgiram de todos os lados. Joaquim Maria Machado de Assis, um novo Sócrates, passou a ser um mestre da perversão e sua obra uma escola da corrupção. Fecharam-lhe as portas dos colégios. Um determinado prefeito, no Rio Grande do Sul, não permitiu que seu nome fosse dado a um grupo escolar, tanto se julgava pernicioso sua influência. Era o escritor maldito. (MASSA, 2009, p. 21)

Se estudos decisivos da tradição crítica postulam que a lógica de composição e o estilo de Machado estão atrelados a uma visão de mundo pessimista ou niilista, seguidamente eles deixam de lado maiores considerações sobre aquilo que deveria ser sua fundamentação teórica: os próprios conceitos filosóficos de niilismo e pessimismo, confrontados ao conjunto de livros do autor.

Exemplar é a diatribe de Octávio Brandão, *O niilista Machado de Assis*, publicada em 1958. O livro apresenta uma análise biográfica impressionista por meio da qual, ao atribuir o niilismo como um defeito tanto do autor quanto da obra, tenta desqualificar o escritor:

Era ateu. Mas seu ateísmo não servia absolutamente para nada. Levava ao niilismo – à negação de tudo quanto existe de positivo na vida e no universo, na história e na sociedade. [...] Antes e depois da primeira guerra mundial, os livros de Machado de Assis e de outros literatos exerceram uma influência profundamente perniciosa. Ameaçaram as forças vivas da Nação brasileira. Envenenaram a consciência de muitos intelectuais, com o ceticismo, o pessimismo e o niilismo. (BRANDÃO, 1958, p. 153)

Embora claramente secundário dentro da fortuna crítica machadiana, o livro de Brandão teve o mérito de levantar a discussão sobre o tema. No entanto, em estilo apaixonado, grandiloquente e combativo, “Brandão reagia antes à estátua de Machado de Assis, isto é, às suas canonização e glorificação, do que propriamente ao escritor” (BERNARDO, 2007, p. 239). Por conseguinte, o pressentimento da importância do conceito de niilismo para a compreensão da obra machadiana é desproporcional à capacidade analítica para esclarecê-lo.

Entre 1958 e 2015, a ausência de um mergulho mais profundo na abordagem do niilismo por parte da fortuna crítica machadiana residia no fato de não se ter levado em conta a história e os desdobramentos do conceito filosófico em questão, investigando suas origens, seu desenvolvimento na Europa oitocentista e o modo como Machado de Assis o maneja poeticamente em suas obras:

Cabe considerar, inicialmente, que os próprios conceitos de “niilismo” ou de obras literárias “niilistas” aparecem *en passant* nas obras de diversos críticos, algumas vezes veiculados através de imprecisões conceituais, como se estivessem dados *a priori* e não necessitassem de maiores explicações. Desse modo, encontramos uma tradição crítica que parte do pressuposto de que a obra machadiana é transmissora de uma filosofia melancólica, pessimista, niilista, sem deixar bem clara a acepção de niilismo empregada. (CEI, 2016, p. 27)

Tal lacuna só foi preenchida recentemente, com dois trabalhos que apresentam interpretações sobre o problema do niilismo em romances de Machado: a dissertação de mestrado de Mauro Lopes Leal, *No subsolo do niilismo: literatura e filosofia em “Memórias póstumas de Brás Cubas”*, defendida em março de 2016, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará; e o nosso livro *A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis*, resultado de tese de doutorado defendida em fevereiro de 2015 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.

No subsolo do niilismo tem como objetivo discutir o problema do niilismo na prosa do defunto autor, argumentando que as tramas das diversas personagens do romance tangenciam para um ponto: o vazio existencial. Acionando filósofos como Nietzsche e escritores como Dostoiévski, Leal defende que o niilismo não pode ser

considerado um fenômeno regional, mas mundial, demonstrando que, em Brás Cubas, o niilismo converge para outros padrões e para uma possibilidade de resistência através do humor, do riso e da alegria, em uma atitude afirmativa da vida (LEAL, 2016).

A voluptuosidade do nada, por sua vez, defende que o niilismo é um dos motivos condutores da prosa machadiana, aparecendo como perspectiva a ser galhofada. Apoiando-nos em leituras de Blaise Pascal, Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e outros filósofos, buscamos demonstrar o quanto, na realidade, a ficção machadiana se distancia das concepções de pessimismo e niilismo, na medida em que as aborda com a pena da galhofa (CEI, 2016).

Ainda que recorramos a citações e interpretações de clássicos europeus, ao invés de ler a obra de Machado de Assis pelo código cultural da filosofia ocidental, releemos a filosofia ocidental pela obra de Machado de Assis, repensando a interpretação canônica do autor e ressignificando o conceito de niilismo, revelando a distância entre a construção nietzschiana e a experiência histórica do Brasil. O trabalho reconhece a discrepância entre Machado e a tradição filosófica e, ainda, não considera que tal discrepância anula o estudo da relação intertextual, mas o enriquece.

O niilismo na poesia de Machado de Assis também merece um estudo especializado, ainda por ser feito. Dentre os quatro livros de poesia publicados pelo autor e reunidos em *Poesias Completas* (ASSIS, 1901) – *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais* (1901) – o último é considerado pelos críticos o mais filosófico. José Veríssimo, já em 1901 caracterizou os textos do então novo livro como “poesias de pensamento, ou filosóficas” (VERISSIMO, 1977, p. 57). Quase seis décadas depois, Wilton Cardoso avaliou que “*Ocidentais*, como se sabe, representam na poesia machadiana a mensagem do homem maduro, quando, perdida a custódia de Ariel, se deixa levar pelas mãos de Calibã, comprazendo-se na mesma filosofia niilista dos chamados romances e contos da segunda fase” (CARDOSO, 1958, p. 20-21).

Em 1976, a edição crítica das poesias completas, organizada pela Comissão Machado de Assis, apresentou um prefácio assinado por Antônio Houaiss, Francisco de Assis Barbosa e Ivan Cavalcanti Proença, que faz uma rápida menção ao tema do niilismo:

A ironia, por exemplo, como recurso básico (elevando-se a *humour* ou, simplesmente, componente do mundo de aparências, fruto da técnica, por ele exploradíssima, das dissimulações, ou mesmo como componente trágico) se enfatiza a partir de alguns poemas do Autor. O niilismo também, em presença dos homens e do próprio código de aparências que esses homens se impõem, na tirania e no

predomínio do *parecer* sobre o *ser*. (HOUAISS; BARBOSA; PROENÇA, 1976, p. 16, grifos originais).

Mais recentemente, Miriã Xavier Benício acrescentou que “muitos dos poemas ali apresentados atingem um nível altamente filosófico, elevando a poesia de Machado de Assis a um patamar diretamente proporcional às grandes obras de sua prosa realista” (BENÍCIO, 2007, p. 138). Claudio Murilo Leal endossa que “o poeta reafirma o seu pessimismo filosófico” (LEAL, 2008, p. 136) e “a lírica amorosa desaparece e cede lugar ao poema filosófico ou de caráter introspectivo” (LEAL, 2008, p. 144).

Embora os poemas de *Ocidentais* não nos ofereçam uma afirmação inequívoca a respeito do niilismo, a experiência acumulada pelos críticos supracitados nos permite levantar a possibilidade de considerar o niilismo como um problema nevrálgico que regula a meditação poética de ponta a ponta, tendo em vista seus versos que imputam “à vida uma capacidade ignota de destruição” (BORDINI, 2008, p. 128).

Ao rejuvenescer questões longamente amadurecidas, o objetivo geral deste artigo é argumentar que o niilismo é o *leitmotiv* do poema “Uma criatura”, publicado pela primeira vez na *Revista Brasileira*, vol. III, de 15 de janeiro de 1880, e incluído na coletânea *Ocidentais*, que veio a público em 1901, no volume *Poesias completas*.

O niilismo no poema “Uma criatura”

O conceito moderno de niilismo, que provém do latim *nihil*, “nada”, não tem uma definição unívoca e recebeu distintas acepções ao longo do tempo. Sua origem remonta ao debate filosófico do final do século XVIII, quando autores como Friedrich Lebrecht Goetzius, Anacharsis Cloots, Daniel Jenisch e Friedrich Heinrich Jacobi, associados a polêmicas, designavam como niilistas as doutrinas e os autores que consideravam infundados os valores tradicionais, negavam ou se recusavam a reconhecer realidades ou fundamentos metafísicos, morais ou políticos (VOLPI, 1999, p. 15-20; CEI, 2016, p. 115-117).

No fim do século XIX, apareceu o primeiro grande teórico do niilismo, Friedrich Nietzsche, cuja fortuna crítica sobre o niilismo é inversamente proporcional à que se refere à obra de Machado de Assis. Os pesquisadores de filósofo alemão têm destacado, nas últimas décadas, o niilismo como um dos seus conceitos fundamentais.¹

¹ A Nietzsche-Bibliographie da Herzogin Anna Amalia Bibliothek, de Weimar, registra 733 publicações sobre o tema do niilismo na obra de Nietzsche, em alemão, inglês, francês, italiano, português e outros

Para Nietzsche, a condição niilista surgiu com a experiência histórica da ausência de fundamento, quando o homem moderno passou a depreciar os valores tradicionais e a dissolver os princípios e critérios absolutos basilares da vida em sociedade, lançando-os na nulidade e na inutilidade, gerando a degradação dos vínculos sociais. Conforme o fragmento póstumo do outono de 1887: “Niilismo: falta o fim; falta a resposta ao ‘Por quê’. Que significa niilismo? – Que os valores supremos desvalorizam-se” (NIETZSCHE, 1999a, p. 350).

Na década de 1880, as diversas tentativas de caracterização do niilismo encontradas nos escritos de Nietzsche giram em torno de um eixo comum: a desvalorização dos valores. O tema passou a ocupar posição central no último período da obra do filósofo, pois é a questão para a qual convergem todos os problemas referentes à crise dos valores da modernidade. O niilismo aparece assim como elemento maior do diagnóstico de uma época na qual vigora a experiência do elemento nadificante:

Pois assim é: o apequenamento e nivelamento do homem europeu encerra nosso grande perigo, pois *esta* visão cansa... Hoje nada vemos que queira tornar-se maior, pressentimos que tudo desce, descende, torna-se mais ralo, mais plácido, prudente, manso, indiferente, medíocre, chinês, cristão – não há dúvida, o homem se torna cada vez “melhor”... E precisamente nisso está o destino fatal da Europa – junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que exista ele. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não *isto*?... Estamos cansados do homem... (NIETZSCHE, 1998, p. 35, grifos originais).

Alexandre Marques Cabral, ao apresentar o *status quaestionis* das interpretações hodiernas do fenômeno do niilismo, avalia que elas se mostraram insuficientes, pois o problema é tratado somente sob uma perspectiva negativa. As estratégias de enfrentamento do niilismo supõem que ele seja compreendido como a crise dos princípios vinculativos tradicionais estruturadores do Ocidente, isto é, como fenômeno de deterioração de antigos princípios de estruturação cultural, afetando um conjunto de setores da sociedade que “sofre imediatamente a força da crise de tais princípios vinculativos” (CABRAL, 2014, p. 23).

O niilismo como fisionomia geral do Ocidente não indica apenas um movimento geral da cultura, mas marca profundamente a psicologia individual do homem

idiomas. Disponível em: <<http://ora-web.swkk.de/swk-db/niebiblio/index.html>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

contemporâneo, de modo que o homem se descobre como um ser vazio de sentido ou um puro nada.

Considerando a plurivocidade semântica do conceito de niilismo, construído e gestado no século XIX, destaco que o niilismo como *leitmotiv* do poema “Uma criatura” não indica apenas uma ideia ou fórmula que reaparece de modo constante nos versos, expressando uma preocupação dominante ou um tema fundamental, mas também apresenta o niilismo como fenômeno incorporado como elemento funcional da composição literária. Enquanto configuração poética, linha de força lírica, o conceito filosófico de niilismo é limado, ganhando algumas características e perdendo outras, como podemos ler a seguir:

Sei de uma criatura antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas,
Com a sofreguidão da fome insaciável.

Habita juntamente os vales e as montanhas;
E no mar, que se rasga, à maneira de abismo,
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo.
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de egoísmo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,
Gosta do colibri, como gosta do verme,
E cinge ao coração o belo e o monstruoso.

Para ela o chacal é, como a rola, inerme;
E caminha na terra imperturbável, como
Pelo vasto areal um vasto paquiderme.

Na árvore que rebenta o seu primeiro gomo
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,
Depois a flor, depois o suspirado pomo.

Pois essa criatura está em toda a obra:
Cresta o seio da flor e corrompe-lhe o fruto;
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o poluto e o impoluto;
Começa e recomeça uma perpétua lida,
E sorrindo obedece ao divino estatuto.
Tu dirás que é a Morte: eu direi que é a Vida
(ASSIS, 2009, p. 226-227).

O poema é composto em versos alexandrinos, padrão pouco empregado na poesia de língua portuguesa, mas que fez fortuna entre os parnasianos e teve Machado de Assis dentre seus difusores (MIRANDA; DRUMMOND, 2007, p. 18). Os versos, distribuídos em oito tercetos e um dístico final, estão estruturados em *terza rima* não

tradicional e, com pequenas variações, mantêm a mesma estrutura utilizada por Dante na *Divina Comédia*, em um esquema de rima com três linhas convergentes.

Se a criatura inominada que dá título ao poema é a Vida (e não a Morte), como revela o último verso, podemos perceber a presença de uma pulsão para a autodesintegração. Com a sofreguidão da fome insaciável, a vida devora-se a si mesma, sendo marcada por forças reativas e princípios desorganizadores que arruinam a vida – niilismo.

Essa concepção de uma negatividade total deve ter frequentado a imaginação de Machado a partir da leitura de Arthur Schopenhauer. Na primeira estrofe já podemos perceber a influência do pessimismo metafísico schopenhaueriano para o qual o sofrimento seria o sentido mais próximo e imediato do viver: “em essência, incluindo-se também o mundo animal que padece, TODA VIDA É SOFRIMENTO” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 400, caixa-alta original).

Para Schopenhauer, a felicidade seria negativa, pois só existiria nos breves momentos em que não há sofrimento. O homem sofre por querer tanto e em várias direções diferentes e se entedia facilmente quando alcança o desejado. O retorno ao mito da Natureza madrasta e a concepção da existência como um erro que seria melhor não ter acontecido e só acontece pela cega premência da vontade de vida, aparecem em diversas passagens da obra machadiana, dentre as quais Alfredo Bosi destaca o delírio de Brás Cubas e o poema “Uma criatura”:

O narrador que comporia a prosa alegórica do delírio de Brás, esculpindo o vulto de uma gigantesca Mãe-madrasta indiferente ao destino das suas criaturas, e moveria o desfile dos séculos, esvaziando-o de qualquer sentido progressista, era o mesmo poeta de *Uma criatura*, *O desfecho* e *No alto*, cujos versos traziam os estigmas do niilismo, o avesso imutável da superfície móvel que são as palavras e os gestos de Brás Cubas (BOSI, 2006, p. 33).

Manuel Bandeira também afirma que a lógica de composição e o estilo machadiano estão atrelados a uma visão de mundo pessimista. Para o poeta pernambucano, o poema “Uma criatura” “anunciou o pessimismo irônico e o estilo nu e seco, toda a filosofia e toda a técnica da segunda fase do escritor” (BANDEIRA, 1994, p. 11).

Bandeira e Bosi oferecem importantes indicações de como a poesia e a prosa machadianas se relacionavam em 1880 – na virada do que se convencionou chamar de

primeira e segunda fases². Entretanto, parece que houve um equívoco em estabelecer um vínculo direto entre a literatura machadiana e o pessimismo cósmico schopenhaueriano. Poeta do perecível, inspirado pela falta de sentido da vida, o autor de *Ocidentais* foi sim influenciado pelo pessimismo schopenhaueriano, que coloca a pergunta pelo sentido da existência sem dogmatismo ou preconceito religioso. No entanto, “não se sente em Machado, como em Schopenhauer, desprezo pelo mundo, mas, pelo contrário, amor à vida” (RIEDEL, 2008, p. 305).

A segunda estrofe, ao dizer que a criatura habita juntamente os vales e as montanhas, rasgando-se no mar, parece aproximar Machado de Nietzsche, pois para este o niilismo é o mais inquietante e perturbador de todos os hóspedes, fenômeno que promove e acelera o processo de destruição dos valores vigentes, gerando incerteza, ressentimento, regressão, declínio, desnortamento, incapacidade de avançar e criar novos valores. O homem já se encontraria à beira do abismo, mas ainda sem perceber totalmente a magnitude do fenômeno do niilismo (NIETZSCHE, 1999a).

A terceira estrofe aponta para a consciência da vida como uma déspota que impõe o sofrimento aos seus súditos. As dores do mundo são também as nossas dores, como diria Schopenhauer, para quem o sofrimento seria o sentido mais próximo e imediato do viver: “o Em-si da vida, a Vontade, a existência mesma, é um sofrimento contínuo, e em parte lamentável, em parte terrível” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 350).

A estrofe seguinte aponta para uma indistinção entre as antíteses da vida, como o desespero e o gozo, o colibri e o verme, o belo e o monstruoso, anunciando o perigo de um nivelamento de todas as coisas, no sentido de que elas perderiam a sua hierarquia de valores. Ora, se não há mais hierarquia, a própria noção de valor perde a sua significação, manifestando o niilismo, a completa falta de sentido.

Os “versos finais, expressões do pensamento machadiano” (PEREIRA, 1988, p. 237), são compostos em torno da tensão entre opostos, caracterizando a vida como um movimento incessante de criação e destruição, nascimento e morte, fortalecimento e fenecimento dos valores, que no fim da perpétua lida perdem sua força construtiva e se anulam, assinalando o advento e a consumação do niilismo.

² A divisão da obra machadiana em duas fases, instituída pelo crítico José Veríssimo (s.d., p. 188), apesar de controversa, foi aceita pelo próprio escritor, conforme resposta enviada em carta de 15/12/1898: “O que você chama a minha segunda maneira naturalmente me é mais aceita e cabal que a anterior, mas é doce achar quem se lembre desta, quem a penetre e desculpe, e até chegue a catar nela algumas raízes dos meus arbustos de hoje” (ASSIS, 2008a p. 1367).

Se, para o senso comum, vida e morte são opostas, sendo que a última representaria a destruição, o aniquilamento e todos os valores considerados negativos, “os dois pólos que determinam a existência humana são [...] poeticamente confrontados e fundidos nos últimos versos do poema” (LEAL, 2008, p. 144). O poeta compreende a morte como a possibilidade da impossibilidade da existência; a vida, por sua vez, é compreendida como uma dinâmica de realização (nascimento e criação) e desrealização (morte e destruição).

Na dinâmica de criação e destruição, esta última é também criadora. E se no destruir a vida dobra suas forças, os versos nos remetem ao conceito nietzschiano de niilismo como símbolo do aumento de potência do espírito: niilismo ativo. Este é aquele que promove e acelera o processo do crepúsculo dos ídolos, isto é, a tresvaloração de todos os valores. O que significa não apenas destruir os antigos valores, mas também o próprio espaço que ocupavam, o do mundo ideal, pretensamente verdadeiro. Assim, alcança-se a possibilidade de se completar o niilismo e ganhar a condição necessária à instauração de novas maneiras de avaliar (NIETZSCHE, 1999a, p. 351).

Sorrindo ao obedecer ao divino estatuto, somos capazes de atravessar o niilismo, criando valores e desenvolvendo formas de vida em que se verifique uma plena afirmação da imanência. Se para os pessimistas e niilistas não houve até hoje nenhum sentido para a vida humana, e sua existência sobre a Terra não se apresentava senão como um deplorável absurdo, uma aventura desprovida de finalidade, ao qual falta qualquer horizonte de sentido, Machado assume posição oposta. Um ano antes da primeira publicação de “Uma criatura”, no famoso ensaio “A Nova Geração”, Machado já recusava o niilismo, afirmando que “a realidade é boa” (ASSIS, 2008a, p. 1279). Como observou Gustavo Bernardo, a literatura machadiana, ao tornar o niilismo visível, levanta a possibilidade de não aceitá-lo sem resistência:

Ainda: ao dizer “a realidade é boa”, Machado recusa o niilismo de que o acusaram tantos – como, por exemplo, Octávio Brandão. Um niilista ou veria a realidade como intrinsecamente má ou entenderia que ela sequer existiria, constituindo-se em não mais do que uma ilusão dos sentidos. Um niilista é na verdade um idealista *in extremis*, enquanto o escritor esmerou-se por toda a vida em fazer ironia dos ideais e dos idealismos do seu tempo. (BERNARDO, 2011, p. 88).

Diante do niilismo, pode-se aceitar o domínio do “em vão”, caindo no abismo, ou saltá-lo na direção de uma relação afirmativa para com a vida. A poesia machadiana segue na segunda direção e indica que a arte é um modo de resistir ao niilismo, na medida em que desencadeia um contramovimento à vontade de nada: “A arte é o

remédio, e o melhor deles” (ASSIS, 2008, p. 1418). Quando Nietzsche defende “A arte como única força superior contrária a toda vontade de negação da vida, como anticristã, antibudista, antiniilista *par excellence*” (NIETZSCHE, 1999b, p. 521, grifos originais), o escritor brasileiro parece ratificá-lo: “Vivam as musas! Essas belas moças antigas não envelhecem nem desfeiam. Afinal é o que há mais firme debaixo do sol” (ASSIS, 2008b, p. 1055).

Considerações finais

Apesar do entrelaçamento de literatura e filosofia e do instinto de parentesco entre Machado, Schopenhauer e Nietzsche, cada um deles tem um *modus operandi* próprio, o que impede uma homogeneização. Se o autor de *O mundo como vontade e como representação* é um interlocutor privilegiado do escritor brasileiro e do filósofo apátrida, como reconhecem os críticos, não se pode perder de vista que a filosofia schopenhaueriana aparece na poesia machadiana em fatura literária. O que ocorre é o deslocamento dos conceitos filosóficos, que deixam de ser o que eram ao saírem de seu contexto sistemático de pensamento e passam a ser algo ambíguo e bifronte ao serem reescritos poeticamente.

Considerando-se o estatuto poético e metalinguístico da linguagem de Machado de Assis, não propomos a simples aplicação instrumental de conceitos filosóficos na análise da obra literária. Uma interpretação desta natureza, externa à poesia, só poderá fazer constatar que na obra machadiana ou de qualquer outro escritor os conceitos não correspondem exatamente aos originais. Nosso objetivo foi, pois, efetuar um exame crítico das ressonâncias do niilismo na estrutura interna do poema machadiano, com ênfase na diferença que o texto do escritor brasileiro consegue inaugurar, distinguindo-o dos seus contemporâneos europeus. O que não nos impede, porém, de examinar o jogo de confrontos – semelhanças e diferenças – entre o escritor brasileiro e os filósofos alemães.

Recusando a vacuidade de uma interpretação baseada somente no comparativismo de semelhanças, revelou-se o que há de irreduzível no estilo machadiano. Concluímos que a poesia machadiana sobre o niilismo é original e crítica porque se apropria dos cânones da filosofia, rearranjando elementos preexistentes nas obras de outros autores. Por isso, as tradições de estudos literários e filosóficos sobre o niilismo têm muito a conversar, senão mesmo a aprender, com Machado de Assis.

Referências

ASSIS, Machado de. *Poesias Completas: Chrysalidas, Phalenas, Americanas, Occidentaes*. Rio de Janeiro, Paris: H. Garnier, 1901.

_____. Correspondência. In: _____. *Obra completa, em quatro volumes: volume 3*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008a.

_____. A Semana: Gazeta de Notícias (1892-1897). In: _____. *Obra completa, em quatro volumes: volume 4*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008b.

_____. *A poesia completa: edição anotada, recepção crítica. Organização e fixação dos textos por Rutzkaya Queiroz dos Reis*. São Paulo: Nankin, EDUSP, 2009.

BANDEIRA, Manuel. O poeta. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa, em três volumes: volume 3*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BERNARDO, Gustavo. O bruxo contra o comunista ou: o incômodo ceticismo de Machado de Assis. *Kriterion*. Belo Horizonte, n. 115, p. 235-247, 2007.

_____. *O problema do realismo de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BENÍCIO, Miriã Xavier. *Do sublime e do simples: a poesia de Machado de Assis*. Varginha – MG: Alba, 2007.

BORDINI, Maria da Glória. A virada machadiana nas *Ocidentais*. In: FANTINI, Marli (org.). *Crônicas da antiga corte: literatura e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1958.

CEI, Vitor. *A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2016.

HOUAISS, Antônio; BARBOSA, Francisco de Assis; PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Prefácio. In: ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976.

LEAL, Claudio Murilo. *O círculo virtuoso: a poesia de Machado de Assis*. Brasília: Ludens, 2008.

LEAL, Mauro Lopes. *No subsolo do niilismo: literatura e filosofia em Memórias póstumas de Brás Cubas*. Dissertação de mestrado em Estudos Literários. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, 131 f.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

MIRANDA José Américo; DRUMMOND, Adriano Lima. O alexandrino português. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 14, p. 15-28, jun. 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Nachgelassene Fragmente 1885-1887. In: _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin, New York: de Gruyter, 1999a.

_____. Nachgelassene Fragmente 1887-1889. In: _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin, New York: de Gruyter, 1999b.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

RIEDEL, Dirce Cortes. *Tempo e metáfora em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

ROMERO, Sylvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de litteratura brasileira*. Rio de Janeiro: Laemmert & Co., 1897.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação I*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SANTOS, Vitor Cei. *A voluptuosidade do nada: o niilismo na prosa de Machado de Assis*. Tese de doutorado em Estudos Literários. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015, 303 f.

VERÍSSIMO, José. O Sr. Machado de Assis, poeta. In: _____. *Estudos de literatura brasileira*, 4ª série. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p. 51-59.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, s/d. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Trad. Aldo Vannuchi. São Paulo: Loyola, 1999.